

5 ESORG - Estudos organizacionais

ABORDAGEM CRÍTICA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO BRASIL: A PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NO PRIMEIRO VINTÊNIO

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar a produção científica brasileira com abordagens críticas, no campo da Administração, no primeiro vintênio deste milênio. Para tanto, consideraram-se as tradições modernistas (marxismo e Teoria Crítica) e as tradições pós-analíticas (pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, etc.), de acordo com o agrupamento utilizado por Davel e Alcadipani (2003). Para a definição de um conteúdo de natureza crítica, foram seguidos os critérios estabelecidos por Fournier e Grey (2006) para definir estudos críticos em gestão, adaptados por Davel e Alcadipani (2003), ou seja, o ajustamento de cada estudo à não performatividade, à desnaturalização e à intenção emancipatória. Identificou-se que a maioria dos estudos críticos brasileiros em Administração ancora-se na tradição modernista, mas nota-se que os estudos voltados às tradições pós-analíticas têm se expandido.

Palavras-chave: Abordagens críticas; Administração; *Critical Management Studies*.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the Brazilian scientific production with critical approaches in the first twenty years of this millennium. For this, both modernist traditions (Marxism and Critical Theory) and post-analytical traditions (post-structuralism, post-modernism, post-colonialism, etc.) were considered, according to the grouping used by Davel and Alcadipani (2003). For the definition of a critical content, the criteria established by Fournier and Gray (2006) were followed to define critical studies in management, adapted by Davel and Alcadipani (2003), that is, the adjustment of each study to non-performance, denaturalization and emancipatory intention. It was identified that the majority of critical Brazilian studies in Administration are anchored in the modernist tradition, but it is noted that studies focused on post-analytical traditions have expanded.

Keywords: *Critical approaches; Administration; Critical Management Studies.*

INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios, a prática de gestão foi acompanhada de uma certa medida de crítica, talvez pelo fato de que apenas as críticas têm o poder de produzir reflexividade e conduzir ao avanço, seja no contexto da prática ou no meio acadêmico (FOURNIER; GREY, 2006). No entanto, a crítica comumente denominada como construtiva guarda em si um caráter da manutenção, enquanto a transformação se dá na via oposta (VIEIRA; CALDAS, 2006). De acordo com Gaulejac (2007), o conformismo é a contrapartida do utilitarismo, de tal forma que o pensamento que não contribuir para a eficiência do sistema é considerado como inútil.

Assim, torna-se difícil desenvolver um pensamento crítico, salvo se a crítica for 'construtiva'. E aqueles que levantam problemas sem trazer junto consigo sua solução são percebidos como alguém que perturba, um ser negativo, ou até um contestador, que é melhor eliminar. Basicamente, o pensamento crítico em relação à gestão implica considerar que existe algo de errado com a gestão, tanto em sua prática quanto em seu corpo de conhecimento (FOURNIER; GREY, 2006), e que esta deve, necessariamente, ser repensada. Particularmente no contexto contemporâneo, marcado pela implementação das mais variadas tecnologias, pelas mudanças na natureza do trabalho e diversas outras questões apontadas por Alvesson e Deetz (1998), a crescente crise nos pressupostos do discurso modernista tornou fundamental que se encontrassem respostas fora de suas bases.

De acordo com o discurso modernista, imbuído dos princípios do Positivismo e do Capitalismo, a Administração baseia-se no controle, na racionalização e na colonização progressiva da natureza e das pessoas, enquanto trabalhadores, consumidores potenciais, ou sociedade. Mais ainda, a vida social subordina-se à racionalidade tecnológica, a fim de proteger os interesses de um grupo dominante (ALVESSON; DEETZ, 1998).

Muito embora a rejeição ao Positivismo não garanta por si só a criticidade de um movimento, o simples reconhecimento da natureza socialmente construída dos arranjos sociais já evidencia a sua contingência e abre um sem-número de possibilidades para sua reconstrução (FOURNIER; GREY, 2006). Assim, as abordagens críticas procuram questionar a racionalidade das teorias tradicionais e evidenciar que, no âmbito da gestão, nem tudo é como aparenta ser, dadas as estruturas de controle e de dominação, desigualdades e faces ocultas presentes nas organizações (DAVEL; ALCADIPANI, 2003).

As categorias centrais da crítica envolvem criticar o positivismo como forma estabelecida de conhecimento e o mercado como forma estabelecida de vida coletiva (VIEIRA; CALDAS, 2006). Cumpre ressaltar, entretanto, que as teorias críticas não são essencialmente contrárias à Administração, mas tendem a considerá-la como institucionalizada, bem como considerar que as ideologias e práticas administrativas atuem como expressões de formas contemporâneas de dominação (ALVESSON; DEETZ, 1998).

As abordagens críticas, de acordo com Alvesson e Deetz (1998), devem ser estudadas pelo fato de proporcionarem caminhos únicos e importantes para compreender as organizações e sua administração. Alguns estudos já se ocuparam em expor as propostas críticas no contexto nacional, seja com foco nos pressupostos dos *Critical Management Studies* – CMS (DAVEL; ALCADIPANI, 2003), que

analisaram a produção científica brasileira nos anos 1990, ou com viés frankfurtiano (FARIA, 2009b), que concentrou-se em uma exposição sobre a adoção da teoria crítica por Maurício Tragtenberg no início dos anos 1970, além da tese de doutoramento de Motta (2014), que tratou sobre os grupos dedicados a estudos organizacionais críticos nas universidades brasileiras.

O presente estudo se propõe a estender a pesquisa com foco no CMS (DAVEL; ALCADIPANI, 2003), trazendo um período mais recente, de 2001 a 2019. Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar a produção acadêmica crítica em Administração no Brasil durante este primeiro vintênio do século XXI, buscando identificar a quem ou a que se dirige a crítica dos estudos organizacionais, bem como suas bases teóricas. No contexto contemporâneo, marcado pelo crescimento de políticas neoliberais, conforme Grey (2018), em uma análise da saída da Grã-Bretanha da União Europeia, essas constituem-se em um desafio para o campo, podendo até mesmo decretar seu fim em território britânico. Isso porque o autor entende que o CMS como um projeto não orientado por tais políticas. Portanto, é relevante compreender os contornos dos estudos críticos em Administração, visto o caráter descompromissado do CMS com a performatividade dos negócios e orientado para “políticas que favorecem os marginalizados, os oprimidos e os fragilizados contra os privilegiados e o poder da elite” (GREY, 2018, p. 8).

Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática dos artigos publicados no Brasil durante o período de 2001 a 2019, a partir de uma busca na base Spell – *Scientific Periodicals Electronic Library* por uma lista de termos relacionados a diversas correntes críticas. Procurando-se sucessivamente pelas palavras-chave: marxismo, neomarxismo, Escola de Frankfurt, teoria crítica, pós-estruturalismo, desconstrutivismo, pós-colonialismo e pós-modernismo, chegou-se, após exclusões, a um total de 108 artigos analisados.

Este artigo foi estruturado em mais quatro seções além desta introdução. A segunda seção trata dos estudos críticos em Administração, suas características, seus posicionamentos teóricos e diferenciação da teoria tradicional, e suas diversas correntes. A terceira seção trata dos procedimentos metodológicos; a quarta apresenta e analisa os resultados encontrados de produção brasileira em abordagens críticas; e, finalmente, a quinta apresenta as considerações finais.

ESTUDOS CRÍTICOS EM ADMINISTRAÇÃO

Segundo Fournier e Grey (2006), os teóricos sociais e seus posicionamentos antipositivistas foram essenciais para o surgimento dos estudos críticos, ao constatarem que havia algo errado com a gestão. A origem da palavra crítica, epistemologicamente, é decorrente dos estudos de Kant, que discorre sobre a avaliação de categorias e de formas de conhecimento, cujo objetivo é a validade cognitiva e seu valor. Em sua vertente social, um dos principais precursores é Marx, em sua abordagem sobre os interesses de classe serem estruturalmente predeterminados e decorrentes das relações de propriedade e controle dos meios de produção, tendo como foco a análise da realidade sócio histórica sob a lógica da dominação e da exploração (VIEIRA; CALDAS, 2006; WACQUANT, 2004).

Por não servir aos interesses dominantes no campo teórico da análise organizacional, as abordagens críticas são frequentemente classificadas como radicais, o que não deixa de estar correto, uma vez que pretendem alcançar a raiz dos problemas, não se satisfazendo em aceitar a forma aparente sem compreender a essência. Nesse sentido, o pensamento radical caracteriza-se pela busca das

contradições sociais, e a realidade aparente torna-se objeto de investigação (FARIA, 2009b).

Mas, da mesma forma que não há uma posição crítica unitária, também não existe uma única maneira de separar um estudo crítico de um não crítico, já tendo sido o termo 'crítica' empregado para articular diferentes divisões (FOURNIER; GREY, 2006). Por vezes, costuma-se atribuir à teoria crítica um significado que inclui todos os trabalhos com uma posição crítica ou radical na sociedade contemporânea, que tratem de questões como a exploração, repressão, injustiça, relações de poder assimétricas, comunicação distorcida e falsa consciência (ALVESSON; DEETZ, 1998).

De fato, versões diferentes de CMS podem ser produzidas em um processo de repetição ou diferença (MCLEAN; ALCADIPANI, 2008), continuando um movimento inclusivo e pluralista, em que uma diversidade de abordagens críticas é acomodada (ALVESSON; WILLMOTT, 2003), o que pode deixar cada categoria unificada e polarizada (WILLMOTT, 2017). Prasad et al. (2015) explicam que o CMS se propõe a oferecer uma crítica persistente de uma variedade de organizações, instituições, regimes de governança, e um conjunto amplo de questões, como relações de raça/gênero, crises ambientais, preocupações metodológicas e epistemológicas, diversidade e multiculturalismo, controle e resistência no local de trabalho, entre outras. Portanto, as pesquisas no campo devem buscar maior relevância, considerando as necessidades de um mundo que está em constantes e rápidas transformações.

Porém, e da mesma forma que Alvesson e Deetz (1998), este estudo restringe este termo aos estudos organizacionais embasados prioritariamente, embora não exclusivamente, em conceitos da escola de Frankfurt. Isto porque, o primeiro a utilizar o termo 'teoria crítica' foi Horkheimer, um dos idealizadores da Escola de Frankfurt, no livro Teoria tradicional e teoria crítica, publicado em 1937, delimitando que produziria teoria crítica todo aquele que continuasse a obra de Marx. Seguindo este parâmetro inicial, o campo teórico da teoria crítica foi definido como sendo o marxismo (VIEIRA; CALDAS, 2006).

Marx foi o primeiro filósofo político que se dedicou a tratar do capitalismo, constituindo o marxismo, juntamente com o neomarxismo e a Teoria Crítica ligada à Escola de Frankfurt, um primeiro conjunto de estudos críticos influenciados pelas tradições modernistas. Os estudos críticos de tradição modernista tem como pressupostos básicos o fato de vivermos em um mundo repleto de dores e conflitos, e que muito pode ser feito para aliviar tais dores, principalmente, pelos teóricos e pela teoria crítica (DAVEL; ALCADIPANI, 2003).

De Marx, a teoria crítica herdou dois princípios. O primeiro deles é a orientação para a emancipação, em que é feito o diagnóstico das contradições do presente e os prognósticos do futuro. Essa perspectiva possibilita à teoria compreender as dinâmicas societárias em seu conjunto, longe das ilusões do capitalismo (liberdade dos sujeitos econômicos, autonomia da ciência diante da práxis, imutabilidade dos processos sociais etc.) e das insuficiências da teoria tradicional. O comportamento crítico é o segundo princípio pelo qual a teoria deve examinar o mundo social a partir da carência do que existe das possibilidades melhores nele embutidas, mas não realizadas. Essa orientação exige que a teoria exprima um comportamento crítico tanto em relação ao conhecimento produzido sob o capitalismo (a teoria tradicional) como à realidade societária que é o objeto de estudo de tal conhecimento (GOBIRA; LIMA; CARRIERI, 2015).

Mesmo assim, não poderia toda a teoria crítica existente ser resumida num conjunto de ideias ou de teses imutáveis, pois a verdade é temporal e histórica. O legítimo teórico crítico poderia ser definido como aquele que está sempre mudando, mas, ao mesmo tempo, orientado pelo princípio da transformação social e da emancipação (VIEIRA; CALDAS, 2006).

Diversas outras correntes críticas surgiram ao longo do tempo, como o pós-estruturalismo, o pós-modernismo, o desconstrucionismo, a crítica literária, o feminismo, a psicanálise, os estudos culturais, o ambientalismo, o pós-colonialismo, o decolonialismo, dentre os movimentos (ALVESSON; DEETZ, 1998; DAVEL; ALCADIPANI, 2003; PRASAD, 2005; FOURNIER; GREY, 2006). Davel e Alcadipani (2003, p. 4) agrupam todas essas correntes, exceto o feminismo, em um grande grupo, o qual denominam como 'tradições pós-analíticas', termo "apropriadamente impreciso, com a finalidade de se referir às múltiplas correntes contemporâneas do pensamento social [...] que podem ser unidas somente por aquilo que as diferencia: o conhecimento analítico".

O projeto pós-analítico distinguir-se-ia das tradições modernistas por rejeitar as metanarrativas sobre a realidade social e abortar uma posição do humano como ser totalmente racional (DAVEL; ALCADIPANI, 2003). Deste, o pós-modernismo corresponde a um movimento teórico multidisciplinar que vai da filosofia à estética, envolvendo as artes, a sociologia, chegando ao campo dos estudos organizacionais, tendo como denominador comum a resistência à modernidade e a crítica à razão iluminista (VIEIRA; CALDAS, 2006).

Ao descartar a razão, o pós-estruturalismo rompe com o modernismo, e os critérios entre a teoria e a ideologia são eliminados. Ele difere do estruturalismo, visto que tenta resgatar a história apagada por essa teoria, com sua análise sincrônica das estruturas. Porém, defende a mesma noção de sujeito do estruturalismo, uma vez que critica o sujeito como um ser autônomo, livre e autoconsciente e apresenta um sujeito descentrado e dependente do sistema linguístico, concebido em termos relacionais, construído discursivamente e governado por estruturas e sistemas mediados por forças libidinais e práticas histórico-culturais (PAULA; MARANHÃO; BARROS, 2009).

A descrença na potencialidade do sujeito, no âmbito individual ou coletivo, é a contribuição dos pós-estruturalistas. Os teóricos desse campo se esforçam com o objetivo de afirmar e apontar as evidências da "morte do sujeito" ou do seu descentramento e esse posicionamento promove a discussão e o desenvolvimento desse conceito. Apesar de apontar o homem como descentrado, admitido e fragmentado pelas estruturas, ele continua produzindo a sua realidade social, seja como sujeito ou aglomerado de fragmentos (PAULA, MARANHÃO; BARROS, 2009).

Foi no início da década de 1990 que se deu a emergência dos *Critical Management Studies* – CMS, no contexto britânico, um movimento relacionado ao desencanto em relação à possibilidade da constituição de um corpo de conhecimentos integrado, coerente e relevante que pudesse ser reconhecido como ciência da Administração (FOURNIER; GREY, 2006), alcançando maior abrangência em outros continentes (GREY et al., 2016). No entanto, isso não quer dizer que anteriormente não tenham existido estudos críticos (GREY et al., 2016). A certeza e a autoconfiança entraram em colapso e os administradores ficaram menos atentos às deficiências de sua base de conhecimento, indicando uma forma de identificar a crítica nos estudos em Administração: o reconhecimento de que existem aspectos inadequados, nas práticas e nas teorias organizacionais (MISOCZKY; AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005).

Os CMS acomodam diversas tradições teóricas, de tal forma que o termo crítico não chega a sinalizar algum compromisso em particular com alguma corrente teórica de pensamento. Assim, os CMS são formados por um corpo heterogêneo, que compartilha alguns temas em comum, mas nunca inteiramente consistente (SOUZA; SOUZA; SILVA, 2013; PRASAD et al., 2015). Sua única fronteira sugerida é em relação à delimitação da crítica, que de acordo com a abrangência do CMS, precisa passar pela tripla peneira da [não] performatividade, desnaturalização e ideais emancipatórios (DAVEL; ALCADIPANI, 2003; FOURNIER; GREY, 2006; WILLMOTT; ALVESSON, 2011).

A primeira peneira de um estudo crítico, na perspectiva do CMS, é seu propósito não performativo. Isto porque o princípio da performatividade, nos estudos não críticos, subordina o conhecimento e a verdade à produção da eficiência, dispensando qualquer questionamento, a menos que este questionamento comprovadamente contribua para uma eficácia superior. Já o trabalho crítico é não performativo, interessando-se pela performatividade apenas para descobrir o que está sendo feito em seu nome (DAVEL; ALCADIPANI, 2003; FOURNIER; GREY, 2006; WILLMOTT, 2017).

A segunda peneira, o compromisso com a desnaturalização, indica que, enquanto as teorias tradicionais, vinculadas ao Positivismo, buscam manter suas máscaras de cientificidade e naturalidade, os CMS manifestam-se engajados em desfazer esse trabalho, a fim de desconstruir a realidade da vida organizacional, e a verdade 'líquida e certa' do conhecimento organizacional vigente. Além disso, a desnaturalização sugere que os ECGs não são uma entidade estática. O processo de naturalização, amplamente utilizado pelas teorias não críticas, abstrai as formações sociais de seus contextos históricos, tratando os arranjos institucionais como arranjos naturais e evidentes por si próprios. Já as abordagens críticas consideram as organizações como uma construção sócio histórica, sendo imprescindível a busca pela compreensão acerca de sua formação, consolidação e transformação (DAVEL; ALCADIPANI, 2003; FOURNIER; GREY, 2006).

E a terceira peneira, o ideal de emancipação, procura enfatizar, nutrir e promover o potencial da consciência humana para que se torne capaz de refletir criticamente sobre as práticas opressivas e, assim, ampliar os níveis de autonomia e responsabilidade das pessoas. Por autonomia, pode-se entender a capacidade de julgamento isento de amarras de qualquer natureza e, por responsabilidade, a compreensão acerca da interdependência social e responsabilidade coletiva, promovendo indivíduos conscientes e engajados, autônomos e responsáveis de seu papel no mundo (DAVEL; ALCADIPANI, 2003; FOURNIER; GREY, 2006).

Em essência, o que difere uma perspectiva de análise crítica para uma não crítica é a forma como a abordagem crítica invoca noções de poder, controle e equidade em seus estudos, em detrimento de questões relacionadas à eficiência, efetividade e lucratividade. Além disso, os estudos críticos se caracterizam pelo envolvimento constante na crítica à teoria organizacional, incluindo a si próprios em sua ênfase de reflexividade (FOURNIER; GREY, 2006; SOUZA; SOUZA; SILVA, 2013).

Os estudos críticos em Administração não se desenvolveram sem críticas (BRIDGMAN; STEPHENS, 2008; SPOELSTRA; SVENSSON, 2015; KLIKAUER, 2015; GREY et al., 2016; WILLMOTT, 2017). Klikauer (2015, p. 18), por exemplo, discute sobre as oposições entre a Teoria Crítica e o CMS, argumentando que esse último "não oferece nada do brilho intelectual e da força filosófica de projeto radical-utópico da teoria crítica", bem como nenhuma vibração emancipatória ou as

habilidades crítico-analíticas. O autor conclui que “O CMS não está alinhado com o projeto de emancipação da teoria crítica e liberdade humana”.

Nos Estudos Críticos em Gestão, a crítica não pretende alcançar a ‘terra prometida’ da felicidade e da justiça; não é contra a gestão e as organizações capitalistas em si; e não busca um estado ideal de libertação do ser humano. Ao invés disso, visa favorecer a reflexão, o questionamento e a renovação, buscando uma crítica ancorada no espaço-tempo e direcionada ao âmbito de práticas, teorias e discursos que permeiam o cotidiano das organizações (DAVEL; ALCADIPANI, 2003). Nesse sentido, Parker e Parker (2017, p. 19) estimulam a produção de estudos de casos em diversos setores da economia, de modo que possibilite aos professores, pesquisadores e estudantes a compreensão dos contextos organizacionais, e, assim, possam “contribuir para alterar as premissas fundamentais da teoria da gestão convencional, bem como as formas de performatividade crítica que parecem acomodar-se a tais premissas”.

Willmott (2017) observa que o senso crítico invocado no *mainstream* do CMS é enquadrado dentro de um modelo gerencialista-científico-tecnocrático de ideias, crenças e valores. No mesmo sentido, a crítica de Spoelstra e Svensson (2015) se dirige à busca de uma performatividade crítica. Os autores propõem então que o CMS deva falar em uma “intervenção discursiva”, uma abordagem focada na relevância e mudança social, no sentido de problematizar as ideias existentes como foco para estimular a mudança social. Esse tipo de intervenção é realizado através de tentativas de negociar, desafiar, refazer, reconstruir, interromper formas já estabelecidas de dialogar sobre as organizações. Isso implica na transformação de noções já estabelecidas em objetos de estudo, de modo que os pesquisadores envolvam-se com problemas e questões e não com soluções e respostas para o estado atual das coisas. Dessa forma o pesquisador poderá cumprir sua principal tarefa, que, na concepção dos autores, “não é resolver problemas, mas, através de intervenções discursivas, criar novos” (SPOELSTRA; SVENSSON, 2015, p. 78).

Chamando a atenção para o fortalecimento dos CMS, Prasad et al. (2015) propõem que, no século XXI, é necessário o comprometimento com um projeto de conhecimento plural, e que trabalhe firmemente para subverter o atual domínio do moderno regime ocidental de conhecimento, construindo assim abordagens para a produção do conhecimento, indo ao encontro da crítica de Grey et al. (2016) quanto à predominância dos escritos de CMS ser originada de países do Norte Global.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de analisar a produção brasileira com abordagens críticas, realizou-se uma busca na base Spell - *Scientific Periodicals Electronic Library*, por se tratar de uma base que disponibiliza periódicos editados no Brasil e incluídos na classificação Qualis/Capes da área de Administração. Delimitou-se o período de 2001 a 2019, em tipo de documento apenas “Artigo”, e em área de conhecimento “Administração”. A fim de encontrar artigos de alguma corrente crítica, procurou-se sucessivamente pelos termos descritos na Tabela 1 no campo “palavra-chave” da base Spell, obtendo-se um total 122 resultados, como evidenciado na Tabela 1.

Tabela 1: Palavras-chave utilizadas para a coleta dos artigos

Palavra-chave	Artigos
Marxismo	14
Neomarxismo	0
Escola de Frankfurt	6
Teoria crítica	55
Pós-estruturalismo	22
Desconstrutivismo	0
Pós-colonialismo	11
Pós-modernismo	14
Total	122

Os 122 artigos inicialmente coletados foram analisados, verificando-se artigos repetidos, devido à intersecção entre as palavras-chave. Dessa forma, foram excluídos 4 artigos repetidos, restando 118 para análise. Amparando-se nas delimitações sugeridas nos CMS, foram adotados os seguintes critérios para ponderar sobre a criticidade dos artigos: (a) desnaturalização, (b) intenção desvinculada da performance, e (c) intenção emancipatória. A partir desses critérios, dez artigos foram excluídos, de forma que 108 considerados críticos foram computados e selecionados para análise.

ANÁLISE DA PRODUÇÃO BRASILEIRA EM ABORDAGENS CRÍTICAS

Os anos de maior produção de artigos críticos foram entre 2014 e 2017, com 10 artigos em cada ano. Entretanto, comparados aos resultados evidenciados por Davel e Alcadipani (2003), esses números mostram-se tímidos, dado que apenas em um ano, na década de 1990, os autores chegaram a contabilizar 17 artigos críticos. Fazendo uma linha do tempo da produção crítica, a Tabela 2 apresenta a evolução da produção ano a ano.

Tabela 2: Produção Crítica em Administração, de 2001 a 2019

Ano	Quant.	ano	Quant.
2001	1	2011	6
2002	3	2012	6
2003	5	2013	8
2004	2	2014	10
2005	4	2015	10
2006	5	2016	10
2007	3	2017	10
2009	8	2018	5
2010	8	2019	4
Total	39		69

Fonte: elaborado pelas autoras

Já em relação à origem, os periódicos com maior publicação crítica foram o Cadernos EBAPE, com 29 artigos, Organizações & Sociedade e Revista de Administração de Empresas, com 13 artigos e Revista de Administração Pública, com 4 artigos, cinco periódicos alcançaram a quantidade de 3 artigos, 7 alcançaram a quantidade de 2 artigos e 20 períodos tiveram 1 publicação (Tabela 3).

Tabela 3: Periódicos com publicações em Estudos Críticos em Administração

Periódico	Quant
Cadernos EBAPE.BR	29
Organizações & Sociedade	13
Revista de Administração de Empresas	13
Revista de Administração Pública	4
Revista de Administração Mackenzie	3
RAE-eletrônica	3
REAd. Revista Eletrônica de Administração	3
Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade	3
Revista Gestão & Planejamento	3
Administração Pública e Gestão Social	2
GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional	2
Revista Brasileira de Marketing	2
Revista de Administração Contemporânea	2
Revista Eletrônica de Ciência Administrativa	2
Revista Gestão Organizacional	2
Revista Pensamento Contemporâneo em Administração	2
Outros periódicos	20
Total Geral	108

Fonte: elaborado pelas autoras

Os periódicos, em sua maioria, têm a área de Estudos Organizacionais ou Administração Geral como foco de concentração, no entanto, foram encontrados artigos em revistas na área de Contabilidade (Sociedade, Contabilidade e Gestão e Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade), de Marketing (Revista Brasileira de Marketing), Tecnologia (Revista Gestão & Tecnologia). Esse resultado sugere um questionamento sobre a educação em Administração, no tocante à sua fragmentação e dependência do conhecimento estadunidense (ALCADIPANI, 2015).

Na análise dos 108 artigos selecionados, examinaram-se as temáticas abordadas, a sustentação teórica principal e o método utilizado. Em relação à base da crítica, observou-se uma preponderância de artigos (64) oriundos das tradições modernistas, que representaram 60% dos artigos encontrados, e 40% representaram as tradições pós-analíticas (44). Esses achados se assemelham aos encontrados por Davel e Alcadipani (2003), que reportaram o fato de as tradições modernistas ainda exercerem uma alta influência na forma de conceber e conduzir a crítica em Administração no Brasil. Mas, diferentemente desses autores, a presente pesquisa não considerou os estudos feministas na busca pelas palavras-chave, de forma que não é possível a comparabilidade em relação a este quesito.

Com relação ao método utilizado, a maioria dos estudos manteve-se no campo puramente conceitual, não desenvolvendo uma análise empírica. Alguns poucos fizeram análise documental, 3 artigos fizeram estudos de caso e 5 procederam à realização de entrevistas.

No que se refere à pergunta da pesquisa sobre o alvo das críticas efetuadas, a Figura 1 evidencia os principais termos citados em relação à crítica feita nos artigos analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: lacunas e oportunidades

Esta pesquisa analisou a produção científica brasileira em abordagens críticas no primeiro vintênio deste milênio. Para a definição de um conteúdo como sendo crítico, foram seguidos os critérios estabelecidos por Fournier e Grey (2006) para definir estudos críticos em gestão: o ajustamento de cada estudo à não performatividade, desnaturalização e intenção emancipatória.

A análise da produção científica revelou que os estudos críticos em Administração se desenvolveram, no período analisado, de forma bastante tímida, tanto em termos quantitativos como, também, em termos de geração de conhecimento novo. No período observado, de 19 anos, a produção foi de 108 artigos, estando abaixo do número de artigos encontrados por Davel e Alcadipani (2003), em um estudo com recorte temporal mais curto. No entanto, comparações como essa devem considerar outros fatores, como a orientação da pesquisa e o contexto do campo, que estava, naquela época, em seu início, quando pesquisadores nacionais buscaram adentrar no campo.

A pesquisa apontou a alta concentração das publicações em três periódicos, o que poderia sugerir que a aceitação de artigos críticos em periódicos de Administração é baixa, pela própria natureza do campo. No entanto, esse aspecto merece ser objeto de investigação mais profunda, visto que os desafios na realização de pesquisas críticas em Administração constituem-se em barreiras para a produção no campo. No ano de 2014, a produção cresceu, e, considerando que as publicações de um determinado ano são resultados de pesquisas anteriores, é possível inferir que nos anos anteriores houve um contexto que favoreceu esse crescimento, seja em termos políticos, sociais ou acadêmicos.

As temáticas identificadas nos artigos compõem-se de uma diversidade, revelando o caráter plural do campo. Nesse aspecto, considerando Prasad et al. (2015), os resultados apontaram para tentativas da construção de um conhecimento plural na produção brasileira. No entanto, poucas foram as tentativas, a exemplo dos estudos que focalizam Tragtemberg e Motta, de subverter o atual domínio de pesquisadores estrangeiros, principalmente no Norte Global (GREY, 2016).

Uma considerável parcela dos estudos considerados críticos deixa de aproveitar um espaço precioso para a criação de teorias e críticas novas, imbuídos na preocupação de confrontar determinadas teorias ou autores à luz dos teóricos seminais que os sustentam. Nesse sentido, cabe ressaltar que, em se tratando de abordagens compromissadas com a crítica, deve ser mantida uma postura questionadora diuturnamente, inclusive em relação à própria teoria que usam, a fim de evitar um posicionamento dogmático e cristalizado.

A despeito da ampla variedade de estudos identificada, são raros os estudos encontrados que adotam as perspectivas críticas para questionar a conduta de empresas frente a crises e a comportamentos ilegais ou criminosos, como casos de corrupção, crimes corporativos, condutas associadas a assédio moral e violência. Esses fenômenos ocorrem no curso das operações corporativas, fazendo parte delas e, portanto, potencialmente, fazem parte de um modelo de gestão.

Esta pesquisa traz contribuições para o campo dos estudos organizacionais críticos, por apontar aspectos relevantes do campo, como as lacunas a serem preenchidas, o que pode estimular estudos significativos para as organizações, em suas diversas formas, incluindo governos e movimentos sociais. Outra contribuição, dirigida a editores de periódicos, se refere a formas de atrair pesquisadores para publicações de resultados de pesquisas de natureza crítica.

Como limitação desse estudo, é necessário citar a não consideração de todos os termos chave possíveis para identificar potenciais estudos críticos, bem como a possibilidade de esses termos estarem em outra parte do artigo que não as palavras-chaves (por exemplo no resumo ou no corpo do texto). Daí resulta que se deve ter, neste período analisado, muitos mais estudos críticos do que os 108 encontrados na presente pesquisa, o que é um ponto positivo, dada a necessidade de que haja mais estudos críticos para contrabalancear a superpopulação de pesquisas Positivistas acríicas, tão afeitas à reprodução do conhecimento, e perpetuadoras da visão limitada de atendimento unicamente aos interesses do Capital.

As limitações e lacunas encontradas sugerem uma longa agenda de pesquisa. O campo da Administração se beneficiaria de pesquisas que utilizassem as teorias críticas para analisar as práticas de gestão locais, em âmbito regional e ou nacional, como construções sócio históricas, de modo a alcançar a compreensão sobre as possibilidades de transformação que considerem os sujeitos envolvidos. Iniciativas na produção de estudos de casos locais, a exemplo de Parker e Parker (2017), também poderiam contribuir para a compreensão das práticas de gestão em curso, dentro de contextos específicos, de modo a privilegiar questões e respostas, e não unicamente em soluções. Outra lacuna que merece destaque se refere a crises e sua relação com o projeto neoliberal, como sugere Grey (2018), um objeto de estudo revelante para a consolidação do CMS no Brasil. Por último, tendo encontrado uma quantidade considerável de ensaios e artigos teóricos, uma sugestão é pesquisar a contribuição desses em pesquisas empíricas, ou seja, como os artigos podem contribuir com a educação de administradores no Brasil para as análises organizacionais, inclusive, em campos essencialmente gerencialistas, como finanças, operações, estratégia e marketing.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, Rafael. American Soft Imperialism and Management Education in Brazil. In: PRASAD et al.(org) **The Routledge Companion to Critical Management Studies**. London: Routledge, 2015.

ALVESSON, Mats; DEETZ, Stanley. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, WR (Org.). . **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas. [S.l: s.n.], 1998. v. 1. p. 227–266.

ALVESSON, Mats; WILLMOTT, Hugh. **Studying Management Critically**. London: Sage, 2003.

ASSIS, Lílian Bambilra De et al. Bildung e a nota de 100 dólares: análise do filme “Quem quer ser um milionário” sob a ótica da formação para os frankfurtianos. **REAd Revista Eletrônica de Administração**, v. 24, n. 3, p. 1–20, 2018.

ASSIS, Lílian Bambilra De; PAULA, Ana Paula Paes De. Gestão Social e Bildung: Reflexões sobre a Importância da Formação para a Democratização no Setor Público. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 6, n. 2, p. 57–64, 2014.

BATISTA-DOS-SANTOS, Ana Cristina; ALLOUFA, Jomária Mata de Lima; NEPOMUCENO, Luciana Holanda. Epistemologia e metodologia para as pesquisas críticas em administração: leituras aproximadas de Horkheimer e Adorno. **Revista**

de Administração de Empresas, v. 50, n. 3, p. 312–324, 2010.

BICALHO, Renata de Almeida; PAULA, Ana Paula Paes De. Empresa Júnior e a reprodução da ideologia da Administração. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 4, p. 894–910, 2012.

BRIDGMAN, Todd; STEPHENS, M. Institutionalizing Critique: A Problem of Critical Management Studies. **Ephemera Theory & Politics in Organization**, v. 8, n. 3, p. 258-270, 2008.

CASTELO, Marcos Goulart; CARVALHO, José Luis Felício dos Santos De. O “Grande Irmão” e a empresa: indústria cultural, reality shows e espetáculos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 3, n. 1, p. 01–17, 2005.

CAVALCANTI, Maria Fernanda Rios. Estudos Organizacionais E Filosofia: a Contribuição De Deleuze. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 182–191, 2016.

CUNHA, Elcemir Paço. Que fazer da burocracia de estado? Do indiferentismo às reciprocidades. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 1, n. 1, p. 15–26, 2016.

CUNHA, Elcemir Paço; BICALHO, Renata de Almeida. Aproximação possível e afastamento necessário entre a Teoria Crítica frankfurteana e a psicanálise de Enriquez. **o&s**, v. 17, n. 54, p. 401–415, 2010.

CUNHA, Elcemir Paço; GUEDES, Leandro Theodoro. Recepções do ideário marxista pelo pensamento administrativo: da oposição indireta à assimilação relativa. **Organizações & Sociedade**, v. 24, n. 82, p. 432–455, 2017.

DAVEL, Eduardo; ALCADIPANI, Rafael. Estudos críticos em administração: produção científica brasileira nos anos 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 4, p. 72–85, 2003.

FARIA, José Henrique De. Consciência crítica com ciência idealista: paradoxos da redução sociológica na fenomenologia de Guerreiro Ramos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 3, p. 420–446, 2009a.

FARIA, José Henrique De. Economia Política do Poder em Estudo Organizacionais. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 1, n. 1, 2014.

FARIA, José Henrique de. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 3, p. 509–515, 2009b.

FARIA, José Henrique de; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. (Sem) saber e (com) poder nos estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 8, n. 1, p. 38–52, 2010.

FARIA, José Henrique de; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. Dialética negativa e a tradição epistemológica nos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 18, n. 56, p. 119–137, 2011.

FARIA; MENEGHETTI. Genesis and Structuring of the Bureaucratic Organization in.

GES, v. 3, n. 6, p. 167–203, 2009.

FOURNIER, Valérie; GREY, Chris. Na hora da crítica: Condições e perspectivas para estudos críticos de gestão. **Revista de Administração de Empresas**, 2006.

GIOVINAZZO JUNIOR, Antonio Carlos. IndivÍduo, PolÍtica e Formação Cultural: a Derrota do Pensamento e da Experiência. **REMark: Revista Brasileira de Marketing**, v. 6, n. 1, p. 41–48, 2007.

GREY, Christopher; HUAULT, Isabelle; PERRET, Véronique; TASKIN, Laurent. **Critical Managment Studies: Global Voices, Local Accents**. London: Routledge, 2016.

GREY, Christopher. Does Brexit mean the end for Critical Management Studies in Britain? **Organization**, 135050841875756. doi:10.1177/1350508418757567 , 2018

GOBIRA, Pablo; LIMA, Oscar; CARRIERI, Alexandre. Uma “sociedade do espetáculo” nos/dos estudos organizacionais brasileiros: notas críticas sobre uma leitura incipiente. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 2, p. 257–285, 2015.

ITUASSU, Cristiana Trindade; TONELLI, Maria José. Sucesso, mídia de negócios e a cultura do management no Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n. 1, p. 86–111, 2014.

KLIKAUER, Thomas. Critical management studies and critical theory: A review. **Capital & Class**, v. 39, n. 2, p.197–220, 2015.

MARANHÃO, Carolina Machado Savaiva de Albuquerque; MOTTA, Fernanda Miranda de Vasconcelos. “A importância do ato de ler”: leituras críticas na formação do Administrador. **Revista Eletrônica De Ciência Administrativa Administrativa (RECADM)**, v. 6, n. 2, p. 1–62, 2007.

MARANHÃO, Carolina; SANTOS, Flavia Carolini Pereira dos; GOUVEIA, Pedro Nunes. Teoria crítica e didática: um desafio para a educação contemporânea. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 24, n. 1, p. 129–148, 2018.

MCLEAN, Christine; ALCADIPANI, Rafael. Critical management studies: some reflections. **BAR, Braz. Adm. Rev.**, Curitiba , v. 5, n. 1, p. 70-84, Mar. 2008 .

MISOCZKY, Maria Ceci; AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Uma crítica à crítica domesticada nos estudos organizacionais. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 1, p. 193–210, 2005.

MOTTA, Ana Carolina de Gouvêa Dantas. **Abordagem crítica nos estudos organizacionais no Brasil: grupos de pesquisa e iniciativas em universidades**. 2014. 305 p f. Tese (doutorado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, Rio de Janeiro, 2014.

MOTTA, Fernanda Miranda Vasconcellos; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva

de A. A “ Felicidade ” Ilusória dos Comedores das Flores de Lótus – um Ensaio sobre as Relações entre Modernidade , Publicidade e Resistência. **Revista ADM.MADE**, v. 13, n. 1, p. 1–19, 2009.

PARKER, Simon; PARKER, Martin. Antagonism, accommodation and agonism in Critical Management Studies: Alternative organizations as allies. **Human Relations**, v. 70, n. 11, p. 1366–1387, 2017. doi:10.1177/0018726717696135

PAULA, Ana Paula Paes De. Tragtenberg E a Resistência Da Crítica: Pesquisa E Ensino Na Administração Hoje. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 77–81, 2001.

PAULA, Ana Paula Paes De; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque; BARROS, Amon Narciso De. Pluralismo, pós-estruturalismo e “gerencialismo engajado”: os limites do movimento critical management studies. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 3, p. 393–404, 2009.

PAULA, Ana Paula Paes De; RODRIGUES, Marco Aurélio. Pedagogia crítica no ensino da administração: desafios e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. spe, p. 10–22, 2006.

PRASAD, Pushkala. Postcolonialism: Unpacking and Resisting Imperialism. **Crafting Qualitative Research: Working in the postpositivist traditions**. New York: ME Sharpe, 262-281, 2005.

PRASAD, Anshuman; PRASAD, Pushkala; MILLS, Albert J.; MILLS, Jean Helms. Debating knowledge: Rethinking Critical Management Studies in a changing world. In: _____ (org) **The Routledge Companion to Critical Management Studies**. London: Routledge, 2015.

RAMÍREZ OSPINA, Duvan Emilio. Capital humano: una visión desde la teoría crítica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 2, p. 315–331, 2015.

SOUZA, Eloisio Moulin De; SOUZA, Susane Petinelli; SILVA, Alfredo Rodrigues Leite Da. O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 2, p. 198–217, 2013.

SPOELSTRA, Sverre; SVENSSON, Peter. Critical performativity: The happy end of Critical Management Studies? In: PRASAD et al.(org) **The Routledge Companion to Critical Management Studies**. London: Routledge, 2015.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; CALDAS, Miguel P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 1, p. 59–70, 2006.

WACQUANT, Loic. Critical Thought as Solvent of Doxa. **Constellations**, 2004.

WILLMOTT, Hugh. Changing institutions: Critical Management Studies as a Social Movement. In: V. MALIN; J. MURPHY; M. SILTAOJA (Eds.), **Getting Things Done (Dialogues in Critical Management Studies, Volume 2)**. (pp. 123-163). Emerald Group Publishing, 2017.

WILLMOTT, Hugh.; ALVESSON, Mats. **Critical Management Studies**. London: Sage Publications. 2011.